



**HAL**  
open science

## Viajantes italianos: imigração, saúde e cidadania (Axe VII, Symposium 28)

Núncia Santoro de Constantino

► **To cite this version:**

Núncia Santoro de Constantino. Viajantes italianos: imigração, saúde e cidadania (Axe VII, Symposium 28). Independencias - Dependencias - Interdependencias, VI Congreso CEISAL 2010, Jun 2010, Toulouse, France. halshs-00501824

**HAL Id: halshs-00501824**

**<https://shs.hal.science/halshs-00501824>**

Submitted on 12 Jul 2010

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## Viajantes italianos: imigração, saúde e cidadania

Núncia Santoro de Constantino<sup>1</sup>

### **Resumo**

No presente artigo apresento uma análise dos relatos de médicos viajantes italianos sobre o Brasil, publicados na última década do século XIX, quando os países sul-americanos disputavam imigrantes europeus. Assim, da análise dos seus textos, impõem-se a saúde e a doença como elementos de fundamental importância, relacionados à questão da cidadania.

**Palavras-chaves:** viajantes italianos, Imigração, saúde, cidadania.

Na interface da pesquisa que desenvolvo sobre imigração italiana, emergem questões de cidadania e de saúde como categorias de destaque interligadas. No presente texto analiso relatos de médicos viajantes italianos sobre o Brasil, publicados na última década do século XIX, quando os países sul-americanos disputavam imigrantes europeus. Assim, da análise dos seus textos, impõem-se a saúde e a doença como elementos de fundamental importância, relacionados à questão da cidadania.

A par dos avanços das ciências físicas e biológicas que se aceleraram desde o final do século XVIII, idéias como o *universalismo* eram difundidas no período, preconizadas por Fontenelle, Montesquieu e Rousseau. Tais idéias geravam o cientificismo e, em consequência, a doutrina racista, cujos expoentes foram Renan e Gobineau. Foi este último que definiu uma hierarquização de raças, embasada nos critérios da força física, da capacidade intelectual e da beleza absoluta, sendo que a raça branca possuiria, já na origem, essas três características.

---

<sup>1</sup> Professora Dr.<sup>a</sup> em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Os relatos de médicos viajantes italianos, analisados para o presente trabalho, evidenciam que os mesmos encontravam-se impregnados do pensamento racista que permeava a sociedade européia, como elemento de um *espírito clássico*, na expressão de Todorov, ou do conceito de *dispositivo*, definido por Foucault. Era o tempo em que se desenvolvia a antropologia italiana, sobretudo com Giglioli Hullyer, considerado o grande representante do positivismo e do darwinismo no país. Era também o tempo em que Nicéforo e Lombroso representavam o cientificismo que hierarquizava raças.

Mas a medicina progredia. E, nas últimas décadas do século XIX, as enfermidades passaram a ser descritas de outra forma, ultrapassando a simples etiologia. Passaram também a ser analisadas na sua dimensão social isto é, na maneira em que certas epidemias avançam, em decorrência de determinados usos e costumes referentes à higiene privada, às carências alimentares, às práticas sociais. Pesquisas e tratados acerca de doenças e de terapias são incontáveis no decorrer do século, quando os médicos foram convertendo a higiene em ciência.

Interessa à esta altura enfatizar o estatuto da *higiene* e aquele dos médicos. A saúde passara a ser confundida com o poder sobre o corpo que precisava ser forte e vigoroso. Em outras palavras, o corpo estaria a serviço de uma vida longa e proveitosa, era avaliado de fora, e não em si mesmo; a debilidade física era o campo propício à doença, entendida como fraqueza do sangue e dos órgãos. A expansão da tuberculose alimentava esta concepção e os medicamentos mais consumidos foram os fortificantes, os tônicos, os reconstituintes. Enquanto isso, os administradores, políticos e educadores apregoavam as vantagens da limpeza, da saúde, da ordem e da moral. Nesta verdadeira cruzada, o papel do médico foi de fundamental importância.

O poder médico tornava-se incontestável. Atavam-se os nós entre este poder médico e a ordem social estabelecida. E o autorizado saber médico entendia os setores populares como focos de todas as enfermidades. Os pobres em geral eram responsabilizados pelas doenças e por sua difusão, quando eram considerados sujeitos, ignorantes, promíscuos ou alcoolistas.

O higienismo predominante no final do século XIX foi uma das mais brilhantes estratégias de controle social que se tem notícia, capaz de proporcionar a modernização da sociedade. E o médico foi catalisador deste poder, capaz de orientar, disciplinar e curar. Daí o reconhecimento do exercício do poder sobre os marginalizados, loucos,

mulheres e pobres, como registra Barrán.<sup>2</sup> Pobres eram os imigrantes e poderosos foram os médicos que se manifestaram sobre o fenômeno da emigração, muitas vezes acompanhando os fluxos imigratórios ou mesmo a serviço de países americanos.

Mantegazza nasceu em Monza no ano de 1831. Diplomou-se em Medicina e viajou muito ao exterior, tornando-se um célebre higienista. Ensinou na Universidade e no Instituto de Estudos Superiores de Florença; foi autor da *Enciclopedia Popolare*, publicada nesta cidade em 1876, e do *Almanaco Igienico Popolare*, publicado em 1870. Além de professor universitário, foi deputado e senador.<sup>3</sup> Seu relato de viagem, publicado em 1867, foi fruto de uma experiência de quatro anos como médico na Argentina.

No prefácio de sua publicação, o Doutor Lomonaco trata de apresentá-la como “resultado de notas, lembranças e impressões de viagem, além de pesquisa histórica...”, realizada durante a sua permanência no Brasil.<sup>4</sup> Desejou descrever a vida e a civilização do país e pode-se inferir que expõe razoáveis informações sobre o Brasil. O título de doutor está registrado junto ao seu nome e Lomonaco está a par dos conhecimentos médicos da época, especialmente no que diz respeito à higiene e à nutrição.

O Dr. Luigi Buscaglione, médico de bordo do vapor *Carlo Raggio*, enfrentou uma devastadora epidemia de cólera. Partiu de Gênova em 1893 transportando imigrantes italianos para o Brasil.<sup>5</sup> Nasceu em 1863, formou-se em medicina, cirurgia e ciências naturais. No ano em que empreendeu aquela que chamou a “desastrosa travessia”, já era professor suplente na Universidade de Turim.<sup>6</sup>

Lembra-se que, naqueles últimos anos do século XIX, os médicos-viajantes, representantes das camadas sociais superiores, partilharam códigos de pensamento que apontavam para elementos essenciais no âmbito do mental coletivo. Além de

---

2 BARRAN, Jose Pedro. *Medicina y Sociedad en el Uruguay del Novecientos: la ortopedia de los pobres*. Montevidéo: Ed. de la Banda Oriental, 1995 p.16

3 ENCICLOPEDIA BIOGRAFICA E BIBLIOGRAFICA ITALIANA. *Ministri, Deputati, Senatori*. Milano: E.B.I., 1940

4 LOMONACO, Dott. Alfonso. *Al Brasile*. Milano: Società Editrice Libreria, 1890.

5 BUSCAGLIONE, Luigi. *La disastrosa traversata del carolo R: note di viaggio del medico di bordo Dott. Luigi Buscaglione- Libero docente nella R. Università di Torino*. Torino: Carlo Clausen, 1894.

6 *Dizionario Bibliografico degli Italiani*. Istituto della Enciclopedia Italiana, 1972

partilharem códigos de pensamento, os autores procuram enfatizar questões relativas à saúde para justificar seus pontos de vista relativos à emigração para o Brasil.

No presente trabalho, destaco alguns aspectos das obras analisadas.

Ao retornar da Bolívia, deixando para trás Buenos Aires e Montevideú, Mantegazza avista o perfil da “magnífica costa brasileira”, antes de ingressar na baía de Guanabara. Viaja com sua jovem esposa em navio de bandeira inglesa, que recebeu saudação dos canhões da fortaleza localizada ao ingresso da baía.

Desembarcou e, para alcançar o cais, é conduzido por canoa remada por dois negros; várias vezes tenta perguntar se havia febre amarela no Rio de Janeiro. Respondem laconicamente: “os mortos são poucos e a epidemia recém começa”. Entretanto, observou que havia muitas embarcações com bandeiras a meio-pau, assim como um vaporzinho negro, com bandeira amarela que, com agilidade, recolhia os doentes e mortos para levá-los à Santa Casa de Misericórdia. Na mesma tarde pode ler nos jornais sobre os mortos daquele dia no Rio, quase todos estrangeiros, principalmente russos, escandinavos e alemães.

A seguir soube que havia febre amarela também no navio em que viajava. Mesmo assim, prefere embarcar com a mulher neste navio, a permanecer por um mês no Brasil, país que chamou “esconjurado” pela doença. Registrou que zarparam às pressas, deixando o porto com 30 doentes a bordo; logo depois seriam 40, isolados no próprio navio.

Lomonaco faz insistentes observações sobre a insalubridade da capital brasileira, onde todas as ruas são estreitíssimas, mal pavimentadas e sem calçada, imundas perto do porto. Ali as casas são velhas, baixas, emendadas umas às outras sem nenhum verde no meio; construções inadequadas, pois há morros impedindo a circulação do ar. Registra que há áreas residenciais novas, mais distantes do Centro, com ruas mais largas melhor calçadas e com passeios espaçosos; são bairros arborizados, cujos prédios têm melhor aparência, sendo muitos circundados por jardins. Mas ressalta que também ali a higiene não é respeitada, pois nas proximidades encontra-se abandonado Canal do Mangue, pelo qual correm imundícies, inclusive resíduos do gasômetro; diz que operários pretendem limpar o canal, cometendo a imprudência de retirar do fundo sedimentos que ficam acumulados na rua, à vista dos passantes.

Contando que, no Centro do Rio de Janeiro, há numerosas e sujas casas de negócio, envolvidas em cheiro nauseabundo, Lomonaco continua conferindo ao Rio o aspecto de cidade oriental, suja, mal-cheirosa. Enfim, uma *cidade pestilencial*, onde havia o maior calor do mundo, só interrompido por verdadeiros dilúvios que deixavam poças a exigir esforços ginásticos dos passantes.

Comenta o regime alimentar dos brasileiros que considera primitivo. Diz que a cozinha é muito simples e que, talvez por isso, as manifestações da vida são mesquinhas e limitadas entre os brasileiros. O prato principal é a feijoada que só o estômago de um croata ou de um lapão poderia tolerar impunemente; ou então come-se o *virado*, mexido de feijão preto, cebola, banha de porco. Além do mais, come-se sempre a mesma comida, preparada de igual forma. Conclui que tal alimentação, rica em hidrocarbonatos e em gordura, resulta na preguiça que, por sua vez, é decorrente da fartura do país que produz feijão e arroz em quantidade, inibindo a diversificação alimentar.

Os hábitos dos brasileiros são alvo dos comentários de Lomonaco que garante serem apaixonados pelo jogo da loteria, fumarem muitíssimo e passarem a maior parte do tempo em casa, na ociosidade, recebendo visitas. Daí serem indolentes, apresentarem o organismo debilitado, repugnância ao trabalho e atração pela posição horizontal, mesmo nas classes baixas. Formal, pedante e vaidoso, o brasileiro adora discursos de adulação nos banquetes, cansativos a ponto de destruir o bom humor e dificultar a digestão.

Dentre as observações negativas que ocupam praticamente todo o livro comentado, encontra-se também aquela relativa à segurança dos moradores da capital do país, onde “os capoeiras” vingavam e satisfaziam ódios particulares a soldo; operavam impunes, tolerados ou mesmo protegidos pela polícia, a quem eventualmente prestavam serviços. Esta polícia seria a mais arbitrária e brutal do mundo, cujos integrantes eram recrutados nas mais baixas camadas da sociedade.

Buscaglione despediu-se do Piemonte, em 1893, a tempo de assistir a chegada em Genova do carvoeiro *CarloR.*, proveniente de Manchester, que deveria zarpar transformado em navio para emigrantes. Pouco tempo depois de zarpar constata o *cholera morbus* a bordo, mas a viagem prosseguiu e, depois da linha do Equador, o contágio estava difundido. Não havia mais lugar na enfermaria, mortos aumentavam em proporção vertiginosa e Buscaglione narra cenas de horror .

Diz que, no percurso realizado, o navio semeou uma rota de cadáveres. Corpos jaziam na coberta envoltos em colchões, ao lado de doentes em agonia, 102 corpos já haviam sido jogados ao mar. Explica todos os tratamentos ministrados a bordo, sem que houvesse satisfatórios resultados. Detém-se nas enormes dificuldades com que se defrontou, a bordo, com população condensada e muitos enfermos, dificultando uma desinfecção rigorosa.

A viagem prossegue e o *Carlo Raggio*. aproximava-se da costa do Rio de Janeiro. O Comandante segue direto à Ilha Grande, cujo lazareto desfrutava larga fama; acompanhado pela lancha do departamento sanitário brasileiro, cujos tripulantes logo fariam as perguntas de praxe. Os agentes sanitários chegam de bote até o navio e, antes de subirem, perguntam quantos doentes têm a bordo, quantos óbitos registraram-se e que tipo de doença predominara. Obtendo as respostas, pedem três vezes repetição. Dão ordem para que o navio não faça qualquer contato com a ilha, aguardando orientação. Em poucos minutos a embarcação se afasta e o tempo começa a passar lentamente para os passageiros.

Algumas horas depois retornou o bote e seus tripulantes ordenam que o vapor vá ancorar à proa de um navio de guerra, fundeado mais além. Antes de manobrar, foi necessário fazer um longo giro para atirar ao mar outros mortos.

E passaram-se dias sem qualquer comunicado. Finalmente uma barca se aproxima para anunciar que o governo decidira expulsar a embarcação das costas brasileiras. Prometia fornecer os víveres e medicamentos necessários para a travessia de retorno. Buscaglione tentou explicar às autoridades que o ciclo do cólera estava terminando e que os passageiros restantes encontravam-se imunizados. Mas nada mudou a decisão tomada. Depois de mais quatro dias ancorados, receberam os medicamentos que não correspondiam aos solicitados e os víveres prometidos.

Terminado o embarque dos suprimentos, o *Carlo R.* abandonou as praias do Rio, onde morreram mais quarenta passageiros. Um cruzador-de-guerra deu escolta até além do Cabo Frio, porque as autoridades brasileiras temiam alguma tentativa de desembarque.

Buscaglione considera semi-bárbara a ação do governo brasileiro, através dos seus representantes sanitários. Manifesta-se escrevendo que não pode uma nação civilizada recusar-se a acolher um milhar de emigrantes só porque estão sendo dizimados por doença infecciosa. Os encarregados do governo teriam demonstrado um medo pueril, nem mesmo chegando perto do navio a fim de estabelecer comunicação

com o pessoal de bordo. Esclarece que argumentou, lembrando que o vibrião do cólera não durava muito e que os passageiros já estavam imunizados. Mas os médicos recusaram ceder as dependências do lazareto para os doentes. Conclui que a civilização brasileira permanecia no medievo.

A narrativa de Buscaglione evidencia sintomas, permite ler nas entrelinhas.

Aos profissionais de saúde fornece claramente elementos sobre os conhecimentos médicos de época; faz resumo da história do cólera, comenta as piores epidemias. Além disso, fornece informações sobre as concepções higienistas do período.

Para o historiador da imigração em geral, aponta questões cruciais.

Em primeiro lugar esclarece sobre as condições de embarque, e de viagem. Com a autoridade do saber médico, Buscaglioni denuncia as deficiências do transporte marítimo que conduzia milhares de italianos; colabora com sua narrativa para a imagem do país doente, onde as autoridades agem de modo semi-bárbaro, recusando-se a receber gente enferma.

Os autores transitam pelo Brasil no final do século XIX, quando a imigração já era fenômeno corrente. A população de imigrantes aumentava na cidade e no campo. Somente no Rio de Janeiro eram cerca de 25 mil italianos. Antes que findasse o século XIX, a coletividade italiana nas principais cidades brasileiras era numerosa e representativa. Naquele momento desenvolvia-se uma estratégia diplomática no sentido de valorizar e cooptar lideranças e imigrantes bem sucedidos, mas é nos imigrantes pobres e maltratados que se detém os autores em questão.

Suas narrativas explicitam a miséria, as epidemias e doenças, os maus tratos que recebem os italianos por parte dos funcionários brasileiros, as más condições de viagem, de hospedagem e de trabalho no Brasil. São autores reconhecidos pelo ataque à emigração para o Brasil, indo além do debate que se verificava na Itália sobre a imigração em geral.

A corrente favorável à emigração na Itália sempre obteve maiores vantagens, a começar pelos armadores genoveses. Contou com personagens importantes que manifestaram nítida preferência por um fluxo direto para a América Latina em geral, e para o Brasil em particular. Entretanto havia os que se manifestavam contrários, como os grandes proprietários de terra, que temiam a escassez de mão-de-obra e a valorização

da mesma no mercado; os socialistas que pretendiam organizar o proletariado que escapava para América onde tornar-se-ia parte da pequena-burguesia.

A liberdade para emigrar sempre vigorou na Itália, enquanto outros países proibiam a emigração subvencionada para o Brasil, com o intuito de proteger seus cidadãos. O governo italiano limitou-se a duas breves suspensões da saída de emigrantes, entre março de 1889 e julho de 1891, em decorrência da epidemia de febre amarela no Brasil; de setembro de 1893 a maio de 94, em consequência da guerra civil no Rio Grande do Sul. Assim, entre 1887 e 1902, 60% dos imigrantes recebidos no Brasil eram italianos.

É neste contexto imigratório que se inserem os médicos-autores.

Petrone relembra que em diferentes áreas e com funções distintas, “... a experiência do imigrante foi diferente, sucessos e insucessos têm outros fundamentos”<sup>7</sup>

Tais diferenças não seriam levadas em consideração nos autores italianos analisados, uma vez que seus relatos são decorrentes de precisas motivações e uma análise do conteúdo desses relatos revela significados latentes além dos manifestos.

Naqueles últimos anos do século XIX; os médicos, oriundos das camadas superiores da sociedade italiana, partilham códigos de pensamento que apontam para o cientificismo, racismo e etnocentrismo.

Em descrições que ridicularizam o Brasil e os brasileiros, usam o poder que os seus conhecimentos médicos lhes atribuem no período, enfatizando a narrativa das epidemias, principalmente da febre-amarela e do cólera. A insalubridade do país é descrita através dos princípios de *higiene* então consagrados e os brasileiros são definidos como representantes de uma raça inferior, habitantes de um país bárbaro, onde a autoridade era corrompida e onde os imigrantes não alcançariam jamais uma cidadania.

A partir do discurso dos médicos, plenamente aceito e autorizado no período, muitos publicistas ou jornalistas italianos iriam manifestar-se contra a emigração italiana para o Brasil, muitas vezes referenciando as opiniões negativas e citando o nome desses médicos. É o caso de Belli, Macola, Meritani ou Moriconi, que não

---

7 PETRONE, Maria Thereza. *O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo*. In: DE BONI, Luís A. Org. *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. p.102-103

poupavam palavras impressas para desaconselhar o Brasil como destino para seus conterrâneos.

### **Referências Bibliográficas:**

BARRAN, Jose Pedro. *Medicina y Sociedad en el Uruguay del Novecientos: la ortopedia de los pobres*. Montevidéo: Ed. de la Banda Oriental, 1995.

BUSCAGLIONE, Luigi. *La disastrosa traversata del carolo R: note di viaggio del medico di bordo Dott. Luigi Buscaglione- Libero docente nella R. Università di Torino*. Torino: Carlo Clausen, 1894.

*Dizionario Bibliografico degli Italiani*. Istituto della Enciclopedia Italiana, 1972.

*ENCICLOPEDIA BIOGRAFICA E BIBLIOGRAFICA ITALIANA*. Ministri, Deputati, Senatori. Milano: E.B.B.I, 1940.

LOMONACO, Dott. Alfonso. *Al Brasile*. Milano: Società Editrice Libreria, 1890.

PETRONE, Maria Thereza. *O imigrante italiano na fazenda de café em São Paulo*. In: DE BONI, Luís A. Org. *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987. p.102-103